



NOSSA RAZÃO

DE EXISTIR

MULTIPLICAMOS **TRANSGRESSORES**
PARA **TRANSFORMAR** MUNDOS

INSTITUTO
LIVMUNDI

SUMÁRIO EXECUTIVO

Este documento apresenta o Instituto LivMundi e sua proposta de "formar" transgressores a partir de processos de aprendizagem participativos não formais, que despertem a consciência socioambiental e uma percepção crítica sobre nossas escolhas e suas consequências. Nosso foco é fortalecer o indivíduo e sua relação com seus territórios de pertencimento, sejam eles sociais, culturais, geográficos ou espirituais. Pretendemos assim, despertar a melhor versão de cada pessoa para transformar mundos, praticando e multiplicando valores, hábitos e crenças que gerem impactos positivos em relação aos desafios socioambientais.

CONTEXTO E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem – fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza¹.

Ailton Krenak

Ao longo de mais de cinquenta anos de pesquisas e muitas conferências do clima, apesar de firmados alguns acordos, como não ultrapassar 2°C no Acordo de Paris² (depois revisto e alterado para 1,5°C) e a criação dos ODS³ (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da ONU), as metas climáticas ainda estão bem longe de serem atingidas. De acordo com o IPCC⁴ (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), "Para

¹ "Funcionamento da humanidade entrou em crise" Ailton Krenak

² Acordo de Paris

³ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

⁴ IPCC, 2018. Global Warming of 1.5°C. An IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C above pre-industrial levels and related global greenhouse gas emission pathways, in the context of strengthening the global response to the threat of climate change, sustainable development, and efforts to eradicate poverty [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, H.-O. Pörtner, D. Roberts, J. Skea, P.R. Shukla, A. Pirani, W.

que a situação atual se normalize, é necessário que se retirem da atmosfera vinte e seis gigatoneladas de gases de efeito estufa e que ecossistemas degradados sejam restaurados. Caso contrário, a temperatura aumentará 1,5°C, colapsando a biodiversidade e arriscando a sobrevivência humana". Outro ponto chave dessa discussão é que a crise climática é também uma crise social, já que são os mais pobres os primeiros a serem impactados pelas urgências e emergências da situação.

Atualmente, de uma forma ou de outra, consciente ou inconscientemente, somos implicados e compactuamos com o saqueamento da Terra. O desejo estrutural e global pelo "progresso" baseado no crescimento econômico é o motor de governos e organizações que tecem nossos modos de viver. No entanto, o acesso a informações e evidências como as trazidas pelo IPCC, nos instigam a um olhar mais crítico e responsável por nossas escolhas individuais e coletivas.

Hoje os sistemas são "desenhados" para amplificar disparidades econômicas, o que influencia diretamente como algumas populações são afetadas pelas mudanças climáticas. De acordo com a *Oxfam*⁵, os 10% mais ricos do planeta produzem metade das emissões de gás carbônico, enquanto os mais pobres contribuem com somente 10%. Segundo o jornal *The Guardian*⁶, vinte corporações produzem 55% do plástico no mundo e a quantidade de plástico de uso individual é liderada pela Austrália seguida pelos Estados Unidos. Podemos correlacionar cadeias nocivas ao planeta aos países com mais altos PIBs e organizações com os mais altos rendimentos, mas também ao consumo individual, incentivado diariamente por publicidades nos mais diversos formatos. Portanto, é mais do que importante que essas mudanças também aconteçam nas economias simbólicas, afetivas e emocionais que regem as lógicas de consumo predatório.

Moufouma-Okia, C. Péan, R. Pidcock, S. Connors, J.B.R. Matthews, Y. Chen, X. Zhou, M.I. Gomis, E. Lonnoy, T. Maycock, M. Tignor, and T. Waterfield]

⁵ [World's richest 10% produce half of carbon emissions while poorest 3.5 billion account for just a tenth](#)

⁶ [Twenty firms produce 55% of world's plastic waste, report reveals](#)

A complexidade do contexto torna importante também compreender e correlacionar os conceitos de justiça climática e racial para impulsionar ações propositivas. Com o avanço das discussões sobre os principais desafios deste século, por meio de conferências, publicações, movimentos ativistas, coberturas jornalísticas e as pautas ESG⁷ e das ODS cada vez mais presentes em organizações, percebe-se que não há justiça climática sem justiça racial. Justiça climática se refere à impossibilidade de criar discussões sobre o futuro e sobre metas climáticas sem a participação das mulheres e homens negros, das populações quilombolas, dos povos indígenas e de outros grupos marginalizados. A justiça climática também nos convida a revisitar os traços históricos que fazem com que certos países sejam muito mais poluidores que outros, ao mesmo tempo em que os mais vulneráveis sofrem mais consequências e impactos da emergência climática.

A relação entre justiça climática e justiça racial leva à necessidade de debate e ações afirmativas de combate ao *racismo ambiental*⁸ para que mudanças sistêmicas sejam efetivas no combate de questões que podem se intensificar nas próximas décadas, como o Apartheid climático, a gentrificação climática e os refugiados climáticos. Tais cenários se delineiam em função de fluxos que se redefinem por eventos extremos que se tornarão mais comuns com o aquecimento global e que afetarão de forma desigual grupos e populações à margem do *status quo*. Com 2°C, por exemplo, teremos verões no Ártico sem gelo, de 30 a 80 MM de pessoas no mundo serão impactadas por inundações, 37% da população mundial sofrerá risco de morte por dias de calor extremo, 411 MM de pessoas no mundo serão impactadas por secas severas e 18% dos insetos, 16% das plantas e 8% dos vertebrados desaparecerão de mais de metade das áreas onde ocorrem⁹.

⁷ Sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança, como conceito que associa e articula boas práticas relativas a estes temas, sobretudo para orientar as dinâmicas de negócios nas organizações

⁸ Racismo ambiental é um termo utilizado para descrever a injustiça ambiental que afeta sistematicamente grupos invisibilizados como negros, indígenas e quilombolas.

⁹ [What is climate change? A really simple guide](#)

[A diferença entre os impactos de um aquecimento de 1,5°C ou 2°C no planeta](#)

Segundo a ONU, temos apenas nove anos para reverter as mudanças climáticas mais drásticas e o relatório publicado recentemente pelo IPCC (2021) confirma que mesmo que a humanidade consiga fazer as mudanças mais radicais nas emissões de carbono, no chamado cenário "otimista", alguns efeitos das mudanças climáticas já são realidade. O que está em jogo é o quanto a temperatura vai aumentar e isso depende das mudanças sistêmicas que as sociedades forem capazes de implementar nesse curto espaço de tempo. Com os cada vez mais frequentes eventos extremos, como ondas de calor, secas, enchentes e terremotos, fica cada vez mais claro que as mudanças climáticas são o principal desafio do século por pressionarem todas as outras crises já existentes. Os últimos dados científicos confirmam a responsabilidade humana no aquecimento global que vem sendo observado no último século, sendo o desmatamento e a queima de combustíveis fósseis os principais motivos do cenário. Não é demais reforçar a fala de António Guterres, secretário geral da ONU, sobre o relatório do IPCC (2021): "um código vermelho para a humanidade...o aquecimento global está afetando todas as regiões da Terra, com muitas mudanças se tornando irreversíveis. Não há tempo para atrasos e nem espaço para desculpas".

E como podemos mudar essa rota de destruição que pode tornar a Terra inabitável para humanos e não-humanos? O que pode ser feito para avançar as pautas das questões climáticas e da sustentabilidade presentes desde a 1a. Conferência de Líderes Globais em Estocolmo em 1972? Como as lideranças e a sociedade podem trabalhar a capacidade de sustentação ou conservação de um processo ou sistema, nesse caso, dos ecossistemas naturais da Terra? Para que essas transformações sejam possíveis, percepções conectadas à *sustentabilidade* e a *regeneração* entram no repertório da causa socioambiental.

A sugestão da *sustentabilidade* é que os danos contínuos sejam de alguma forma "repostos" para que aquele tipo de relação continue acontecendo. Por exemplo, se uma empresa emite muitos gases poluentes, ela se compromete a plantar árvores. Porém, apesar de reconhecer os danos causados pela ação humana, a sustentabilidade, no

geral, não questiona o sistema que causa estes danos e as violências que estão na fundação desse *modus operandi*. A ideia, por exemplo, do Desenvolvimento Sustentável, implica que vai haver um *desenvolvimento*, mas muitos pesquisadores apontam que essas duas palavras juntas representam um paradoxo se levarmos em consideração a ideia de desenvolvimento vigente, que é insustentável. O que vemos hoje, no senso comum, é sobre sustentar a modernidade, com seus vícios, consumos e validações através de práticas compensatórias.

De acordo com o biólogo e escritor Daniel Wahl em seu livro “Design de Culturas Regenerativas”, “Sustentabilidade não é suficiente”. Precisamos fazer mais do que apenas sustentar. Precisamos regenerar a vitalidade e a bioprodutividade do sistema de suporte à vida planetária, precisamos nutrir e regenerar o padrão de interdependências socioecológicas que apoiam a saúde humana e planetária.”¹⁰

No livro, Wahl propõe a ideia de culturas regenerativas, que teriam como premissa a ideia de criar condições para que a vida floresça, a partir de um paradigma holístico que reconecta o ser humano com a natureza e promove mudanças sistêmicas baseadas em economias circulares, colaboração e visão sistêmica. Enquanto a sustentabilidade tentaria contrabalançar sistemas degenerativos, a regeneração reconfigura o sistema, para que o design seja ecológico desde a sua base. O território, a diversidade e as culturas locais também são aspectos fundamentais para a regeneração, como afirma Wahl:

É importante destacar que tais culturas regenerativas são diferentes dependendo dos lugares e biorregiões de onde emergem. Assim como a biodiversidade da vida aumenta sua capacidade de evolução criativa, também nossa diversidade cultural constitui uma riqueza de experiências e perspectivas. A questão não é que todos precisamos concordar em tudo ou ver o mundo da mesma maneira, mas sim que, em nossa diversidade, todos pretendemos participar de formas

¹⁰ WAHL, Daniel, Design de culturas regenerativas, Bambual, 2019

que apoiem a saúde, o bem-estar e o potencial evolutivo de toda a humanidade e tudo na vida.

Apesar disso, acreditamos que a palavra sustentabilidade ainda é a mais adequada para ser usada em diversos contextos, principalmente quando estamos lidando com públicos mais abrangentes, que ainda tem pouca maturidade com relação a questões socioambientais. A *regeneração*, por outro lado, também sofre críticas por ser um termo que começou a ser difundido por pesquisadores brancos do Norte Global (assim como a sustentabilidade) e por isso ainda é muito vista como elitizada e distante da realidade, principalmente no Brasil. Apesar disso, a *regeneração* abre espaço para a diversidade, dependendo do lugar em que você está na Terra, e que precisamos passar da história da separação ser humano e natureza para a história do “interser”, uma outra narrativa de relação com os sistemas vivos, ideias com as quais nos identificamos bastante e que nos inspiram a questionar e construir outras formas de ver e viver o mundo para construir futuros prósperos.

Existem evidências de que os sistemas vivos como a Terra são muito mais compreendidos se pensados como processos complexos e sistêmicos, o que dificulta muito a percepção humana ao lidar com questões como as mudanças climáticas quando interagem com um paradigma racional e linear. Mas como perceber os problemas de modo diferente? Como mudar as lentes com que vemos o mundo para enfrentar os desafios climáticos? Como despertar a consciência socioambiental?

CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

O sistema não está adaptado para o tipo de aprendizagem que precisamos para ocorrer no mundo atual (...) Eles ensinam conhecimentos que não são mais relevantes, socializam os indivíduos em papéis que não existem mais e fornecem as mentalidades necessárias para seguir caminhos de vida que estão desaparecendo rapidamente.

Zachary Stein

Despertar a consciência socioambiental não é uma tarefa fácil, porque somos muito acostumados a seguir padrões de comportamento ensinados ao longo da vida que guiam nossos hábitos e crenças que, em grande parte, nos desconectaram da natureza. Por isso, processos de aprendizagem transformadores são fundamentais para que outros modos de viver possam emergir. Em maio de 2021, a UNESCO se comprometeu a tomar medidas concretas para transformar a educação ambiental como parte do currículo escolar até 2025¹¹, mais uma proposta somada a muitas outras que desde o início do milênio priorizam a educação para o despertar socioambiental.

Em 2002, a ONU declarou que os anos de 2005 a 2014 seriam a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. No relatório Repensar a Educação¹², de 2011, a UNESCO afirma: "Esta segunda década do século XXI marca um novo momento histórico, que traz consigo diferentes desafios e novas oportunidades para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Estamos ingressando em uma nova fase histórica, caracterizada pela interconectividade e interdependência das sociedades e por níveis inéditos de complexidade, incerteza e tensão"¹³. Segundo o relatório, a educação deve focar na "alfabetização cultural para tecer em conjunto as dimensões sociais, econômicas e ambientais do desenvolvimento sustentável":

O mundo está em mudança – a educação também precisa mudar. Em todo o planeta, as sociedades sofrem profundas transformações e isso exige novas formas educacionais que promovam as competências necessárias para sociedades e economias, agora e no futuro. De maneira concreta, isso significa ir além da alfabetização e de habilidades básicas em matemática para focar em ambientes de aprendizagem e novas abordagens à aprendizagem, em busca de mais justiça, equidade social e solidariedade mundial. A educação deve tratar de aprender a viver em um planeta sob pressão.

¹¹ <https://unric.org/pt/unesco-educacao-ambiental-deve-fazer-parte-do-curriculo-escolar-ate-2025/>

¹² Repensar a educação : rumo a um bem comum mundial?. – Brasília : UNESCO Brasil, 2016.

¹³ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

O documento também ressalta a importância da diversidade "para que a educação não reproduza simplesmente desigualdades e tensões sociais que podem ser catalisadoras de violência e de instabilidade política. A educação em direitos humanos tem um papel importante a exercer no aumento da conscientização sobre as questões que levam a conflitos e os meios para sua resolução de forma justa." Portanto, a democratização do tema é fundamental para que mudanças culturais e práticas se tornem efetivas.

O escritor Fábio Scarano escreve sobre a "evolução" do homem e seu desligamento da natureza, a partir de Galileu, Descartes e Newton, e que muitos povos indígenas não possuem palavras que definam natureza e sociedade separadamente. Historicamente, a educação tradicional baseia-se na formação de indivíduos para responder às necessidades de desenvolvimento e evolução econômica do mercado. Nos últimos anos, estudos em áreas como a aprendizagem socioemocional, reforçam o propósito da educação no apoio à construção da identidade individual do ser humano.

Patrono da Educação Brasileira por sua vasta contribuição como educador, o filósofo e escritor Paulo Freire escreve¹⁴ que "A educação faz sentido porque as mulheres e homens aprendem que através da aprendizagem podem fazerem-se e refazerem-se, porque mulheres e homens são capazes de assumirem a responsabilidade sobre si mesmos como seres capazes de conhecerem". Freire¹⁵ defende que o principal objetivo da educação é a conscientização do aluno a partir de sua realidade, "lendo seu próprio mundo" para assim poder transformá-lo.

Acreditamos que qualquer transformação social precisa estar conectada com profundas mudanças nos sistemas educacionais, que atualmente ainda funcionam a partir de modelos que não estão coerentes com os desafios do mundo atual. Porém, mais do que mudanças técnicas, nos referimos principalmente a mudanças e transformações

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the oppressed*. Routledge, 2013

¹⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogy of the oppressed*. Routledge, 2013

nos modos de ensinar e aprender, nas relações de aprendizado e numa visão holística sobre os processos de aprendizagem.

É fácil perceber como os sistemas educacionais estão "parados no tempo" quando comparados a sistemas de saúde, por exemplo. Enquanto um hospital atual evoluiu em processos e tecnologia para se antecipar e enfrentar doenças com mais eficácia, muitas salas de aulas e modelos de ensino são exatamente iguais há décadas. A defasagem estrutural ficou ainda mais clara com a pandemia de Covid-19 que evidenciou a desigualdade de velocidade de resposta das escolas em se adaptar ao ensino remoto, forma de acesso principal ao ensino formal nestes tempos. Muitas escolas, não conseguiram efetivar a conexão digital por conta das disparidades sociais que fazem com que muitos estudantes não tenham acesso à internet ou a computadores, com impactos graves que apontam para uma regressão de até quatro anos na educação no Brasil, acentuando o abismo do acesso à educação de qualidade.¹⁶

Com esse contexto, e a partir de nossa história, focamos em algumas questões fundamentais: Como a educação pode contribuir genuinamente para resolver esses desafios contemporâneos, repensando os métodos de aprendizagem? É possível reconectar o ser humano e a natureza pela educação? Como introduzir valores e crenças socioambientais pela educação em um mundo tão complexo, preservando e incorporando a riqueza de diversas culturas e pontos de vista? Como criar modelos de educação que contemplem os desafios da década, a expansão da identidade do indivíduo considerando seu cotidiano local, desafios e realidades? E por fim: como medir o impacto dessa ação, principalmente na complexa realidade do Sul Global¹⁷?

¹⁶ [COVID-19 pode fazer a educação no Brasil regredir até 4 anos](#)

¹⁷ [Sul global é um termo utilizado em estudos pós-coloniais e transnacionais que pode referir-se tanto ao terceiro mundo como ao conjunto de países em desenvolvimento](#)

LIVMUNDI: UMA HISTÓRIA DE PROCESSOS DE APRENDIZAGEM VIVOS

A educação para problemas de mudança global precisa ser mais holística e contextualmente ancorada por meio da incorporação de sistemas e sua interconexão com a cultura e a experiência. A educação que abraça um discurso integrativo reconhece múltiplas perspectivas e a necessidade de pensamento crítico, reflexão e aprendizagem baseada na experiência que leva à ação e um senso de agência¹⁸.

Daniel Wahl

Desde 2016 o LivMundi visa democratizar o tema da sustentabilidade em uma linguagem simples e acessível, despertando a consciência e a urgência necessárias para mudanças de comportamento do indivíduo, da sociedade e das organizações. Apresentamos novos caminhos para a reconexão do ser humano com a natureza a partir de experiências como diálogos, palestras, workshops, mutirões, práticas de autoconhecimento e bem-estar, oficinas e conteúdos digitais. Os diferentes formatos são manifestações de modelos de aprendizagem vivos e não formais, percepções que se evidenciaram depois de seis anos de atuação.

Uma das mais conhecidas, o Festival LivMundi, reuniu em sua última edição mais de 65 mil espectadores, e contou com a participação de 74 convidados, conectados a partir de trinta cidades e quatro aldeias indígenas ao redor do mundo, proporcionando encontros históricos como um diálogo entre José Pepe Mujica e Noam Chomsky.

Além do festival, o LivMundi realiza mutirões de benfeitorias, compartilha conteúdos relacionados à causa socioambiental por meio de seus canais digitais - que contam hoje com mais de trinta mil seguidores - e atua em outros projetos como o LivMundi Brota e o LivMundi Saber.

¹⁸ [Education and Regenerative Cultures \(Version 0.0\)](#)

O LivMundi Brota tem como propósito engajar a juventude no despertar da consciência socioambiental a partir de experiências artísticas. Em sua primeira campanha, jovens de 14 a 30 anos foram convidados a escrever uma carta para si mesmos no futuro e a contar, em palavras e imagens, como desejam se lembrar do período pandêmico.

Já o LivMundi Saber é uma metodologia de aprendizagem viva onde aliamos tecnologias que habilitam a criação de comunidades digitais e presenciais com processos de aprendizagem não formais, nos quais o aluno é agente e co-autor em sua própria jornada de saber. Nesse contexto, o território de pertencimento do aluno torna-se o elo conector desta comunidade e do conhecimento ali estimulado. O projeto foi realizado com enorme sucesso em seis escolas públicas estaduais nas cidades de Araruama, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia e Saquarema, impactando 120 alunos e sete educadores locais.

Todas essas iniciativas têm como intuito colaborar com o despertar da conscientização socioambiental frente aos desafios dessa década, considerada a mais importante para a sobrevivência saudável dos sistemas vivos da Terra, humanos e não-humanos. Uma consciência que brota em cada indivíduo a partir do desejo de fazer parte de um movimento maior, valorizando sua trajetória, conexões e perspectivas, e se desdobra a partir da relação com seus *territórios de pertencimento*, sejam eles sociais, culturais, geográficos ou espirituais, para assim começar a transformá-lo.

INSTITUTO LIVMUNDI - DESPERTANDO TRANSGRESSORES

Com o objetivo de que mais e mais pessoas se engajem no despertar da consciência socioambiental, lançamos o Instituto LivMundi. Nosso foco está em ampliar

movimentos de transformação, *transgredindo* os modos de ser antropocêntricos,¹⁹ que se mostram cada vez mais inadequados por separarem o ser humano da natureza.

O lançamento do Instituto LivMundi é uma forma de expandir o nosso trabalho contínuo com foco na educação para a transformação socioambiental. Nossa principal missão é despertar a melhor versão de cada pessoa a partir de processos de aprendizagem não formais, abordando de forma positiva e propositiva como nossas escolhas afetam a nossa vida e o futuro das próximas gerações, sobretudo em relação à emergência climática e aos seus impactos sociais.

Entendemos que aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que pode ocorrer de maneira formal ou não formal, como ensino, exemplo e experiência. Os métodos relacionados ao ato de aprender conectam estímulos a seus efeitos, ou aprendizados²⁰. O processo é contínuo e está ligado à capacidade de nos adaptarmos ao ambiente em que vivemos. Aprender é uma jornada de vida.

Modelos de aprendizagem idealmente integram os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo. De forma muito simplificada, para a neuropsicologia, por exemplo, o processo de aprendizagem, capitaneado pelo cérebro, envolve primeiro uma *sensação*, ativada pelos sentidos, depois desenvolvemos mais consciência sobre essas sensações, na fase de *percepção*, que antecede a associação da sensação à imagem, ou *simbolização*, para, em seguida, ocorrer a *conceituação*. Já a pedagogia, aponta modelos receptivos, por descoberta, repetitivos e significativos, que indicam diferentes intensidades de envolvimento do sujeito no processo.

¹⁹ Antropoceno: Termo criado pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene F. Stoermer no ano de 2000 para descrever o atual período histórico, em que a atividade humana está causando um impacto significativo na geologia e nos ecossistemas da Terra.

²⁰ Processo de aprendizagem: entenda o que é e as diferentes teorias

Os processos de aprendizagem são o nosso recorte como Instituto, com o propósito de promover o bem viver para os sistemas humanos e não-humanos. Compreendemos que para isso, é preciso *desenvolver a capacidade de resposta*, uma responsa(h)abilidade (o termo *response-ability* foi sugerido pela filósofa Donna Haraway no livro *Staying with the Trouble*, ainda sem tradução para o português). Por isso, é importante observar que o processo de aprendizagem é diferente para cada grupo, dependendo da relação com seu território de pertencimento, sejam eles sociais, culturais, geográficos ou espirituais. São influências objetivas e subjetivas que tratamos com cuidado, delicadeza e sensibilidade para despertar o melhor de cada “aprendiz” para lidar com os desafios que vivemos, a partir de uma lente socioambiental. Adotamos metodologias ativas, que privilegiam o aprender fazendo e onde o indivíduo é ator e autor de suas escolhas. Desta forma, as iniciativas do Instituto ativam processos de aprendizagem adequados a cada contexto.

Nossa jornada de aprendizagem denomina-se como *não formal*, pois, além de complementarmos o que é oferecido pelas estruturas estabelecidas, percebemos hiatos de competências que não são plenamente contempladas nos currículos tradicionais, incluindo nosso foco socioambiental.

A partir desse entendimento, voltamos inicialmente nossos olhares para aqueles públicos que serão não só mais impactados, mas que, em um mundo ainda composto por estruturas patriarcais, cada vez mais se apresentam como protagonistas, aceleradores e influenciadores do movimento das mudanças ambientais e sociais: os jovens e as mulheres. Dentro desses dois extensos grupos focamos nas questões interseccionais de raça, gênero e classe que colocam esses atores em posições diferentes perante os desafios enfrentados. Concentramos nossos primeiros esforços nos jovens, já que serão eles os mais afetados pelas consequências das mudanças climáticas, mas pretendemos impactar também seu ecossistema de influência, como professores, amigos e familiares.

Segundo o censo do IBGE,²¹ o Brasil tem cerca de 47,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos, o que representa 26,4% da população. A cientista política e pesquisadora Roselani Silva²² destaca em seu estudo que apenas 13% do total está cursando o ensino superior, 70% dos considerados pobres são negros, quase metade dos desempregados no país são jovens (46%) e dos que estão empregados (54%) apenas 27% têm seus direitos trabalhistas e previdenciários assegurados. “A partir das desigualdades econômicas, sociais e culturais, podemos dividir esse segmento em dois grupos de jovens distintos: os que conseguem gozar da condição de 'ser jovens' e os que passam da infância diretamente para a vida adulta e ingressam no mercado de trabalho informal, ou simplesmente entram na criminalidade”.

Em uma pesquisa²³ com jovens de diferentes cidades do Brasil, ficou evidente o desejo que eles têm por novos modelos educacionais que permitam uma abordagem sistêmica, prática, leve e divertida. Eles almejam um processo de aprendizagem mais experimental e conectado ao cotidiano dos alunos e a vontade de participar co-criativamente no desenvolvimento de diretrizes educacionais para o futuro.

Além disso, um ponto em particular chama a atenção: embora as mudanças climáticas estejam naturalmente relacionadas a problemas externos - poluição, perda de biodiversidade, gases de efeito estufa - os jovens reforçaram a importância de espaços seguros de aprendizagem, onde possam manifestar suas opiniões, seus conflitos pessoais e, a partir dessa perspectiva, serem capazes de expressar sua identidade mais íntima fortalecendo vínculos de confiança com os grupos dos quais participa. Essa abordagem - de dentro para fora e considerando as relações - parece ser o ponto de inflexão para a promoção de uma transformação profunda capaz de interconectar o ser humano e a natureza.

²¹ [Censo 2007, IBGE](#)

²² Silva, R. S. D., & Silva, V. R. D. (2011). Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. Caderno CRH, 24(63), 663-678

²³ COUTINHO, Luciane. Brazilian Socio-Environmental Movements, Youths and Their Perspective, 2021

A partir da experiência na jornada de aprendizagem do Instituto, queremos desenvolver o pensamento crítico e construtivo, que é característico da história do LivMundi. *Queremos multiplicar os transgressores, aqueles que questionam o status-quo propondo relações justas e prósperas entre todas as formas de vida.*

Ao afirmar que queremos *multiplicar os transgressores*, contrapomos as conotações negativas que a palavra carrega, como "infringir" e "violar as leis ou ordens". Se acreditamos que as formas e imaginários atuais, isso é, a "ordem", está levando os seres humanos e não-humanos para o desgaste excessivo dos recursos da Terra, é preciso muita coragem para questionar o status quo e transgredir os velhos hábitos para existir de outras formas. Disseminar valores e crenças que busquem a reconexão harmônica de todas as formas de vida. Assim, a transgressão passa a ser uma atitude a ser despertada e incentivada em indivíduos para impulsionar as transformações que precisamos como coletivo.

Para construir “jornadas transgressoras”, que é como denominamos o processo que a pessoa passa durante o contato com metodologias e práticas no Instituto LivMundi, acreditamos ser importante desenvolver a capacidade de alternar as perspectivas e articular demandas locais com a consciência do indivíduo para amplificar as chances de sucesso nos caminhos para lidar com os desafios. A leitura do entorno, das afinidades, dos gostos comuns que unem cada grupo e seus contextos são necessárias para acessar e integrar os recursos relevantes disponíveis, agindo e colaborando em rede. Um desafio individual e coletivo que se fortalece com a experimentação, com o “aprender fazendo”.

Acreditamos que os processos de aprendizagem são mais transformadores quando vivenciados coletivamente, criando laços de solidariedade e identidade coletiva, que podem promover transformações profundas e estruturais na vida de cada um, resgatando e revestindo de significado suas trajetórias.

Entendemos que cada participante que se conecta a nossa jornada de aprendizagem chega com saberes, crenças e valores que definem um determinado nível

de consciência sobre a causa socioambiental. Nosso intuito é que aconteça uma expansão desse nível de consciência, tornando-os progressivamente *transgressores*. São eles os multiplicadores de novas crenças e valores em seus territórios de pertencimento, atraindo mais pessoas para o despertar da consciência socioambiental pelo exemplo de suas ações transformadoras. Entendemos que os impactos das jornadas devem ser acompanhados também ao longo do tempo. Iniciativas catalisadas pelas atividades devem ser observadas e incentivadas, pois retroalimentam o ciclo de transformação pessoal e coletivo, incluindo legados para suas comunidades. Desta forma, o trabalho do Instituto LivMundi não se encerra após a jornada de aprendizagem desses transgressores. Queremos apoiar a co-gestão destas comunidades para que, por meio de plataformas de tecnologia, da conexão com nossa rede de parceiros, encontros periódicos, facilitações, redes de troca e outras atividades de ativação, impulsionemos de forma contínua esses agentes de mudança e suas iniciativas. Há o desejo de que no futuro o Instituto LivMundi possa inclusive apoiar financeiramente projetos dessa comunidade.

NOSSOS PILARES DE ATUAÇÃO

Como observado acima, o papel do Instituto LivMundi é despertar a consciência socioambiental e uma percepção crítica sobre nossas escolhas e suas consequências, a partir de processos de aprendizagem não formais, o qual denominamos "jornadas transgressoras". Nosso foco é fortalecer o indivíduo e sua relação com seus territórios de pertencimento, sejam eles sociais, culturais, geográficos ou espirituais. Queremos multiplicar os transgressores, aqueles que questionam o status-quo propondo relações justas e prósperas entre todas as formas de vida, multiplicando hábitos, crenças e valores capazes de lidar com os desafios socioambientais que já enfrentamos.

Destacamos a seguir os pilares fundamentais de nossa atuação:

I) ADOTAMOS UMA ABORDAGEM SISTÊMICA

Nossas jornadas de aprendizagem refletem a natureza complexa, interconectada e interdependente do nosso mundo e suas relações.

Importa pensar sobre o que pensamos para pensar; importa quais histórias contamos para contar outras histórias; importa quais nós fazemos o nó, que pensamentos pensam pensamentos, que descrições descrevem descrições, que laços amarram laços. Importa que histórias fazem mundos e que mundos fazem histórias.²⁴

Donna Haraway

O pensamento sistêmico propõe que as partes que compõem um sistema só podem ser analisadas se consideradas as relações que constituem esse sistema. Enquanto a visão cartesiana linear divide as partes para compreender, o pensamento sistêmico lança um outro paradigma para pensar as ciências, fundada em uma visão holística e integrada. Para adquirir uma percepção sistêmica, analisamos as inter-relações, contextos e as perspectivas de cada parte do sistema. Podemos pensar numa rede, onde todos os *nós* interagem entre si e com seus meios, com resultados e impactos em contínua transformação a partir destas relações.

Essa percepção faz muito mais sentido quando levamos em conta que a Terra é um sistema vivo e sistemas vivos são complexos, formados por emaranhados de relações interdependentes. Porém, a separação forjada por uma visão de dissociação entre ser humano e natureza, fez com que por muito tempo o Ocidente criasse sistemas projetando o mundo como uma máquina, que pode ser dividida e "consertada" em partes. No entanto, cada parte só existe se compreendida em relação à outra em sistemas vivos. Como escreve o filósofo e escritor Ailton Krenak²⁵, "A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa

²⁴ HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: making Kin in the Chthulucene*, Duke University Press, 2016, tradução livre

²⁵ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*, Companhia das Letras, 2019

de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo no planeta numa dimensão imaterial". Somos interconectados e interdependentes.

Segundo o físico e escritor Fritjof Capra, uma das maiores referências na área, autor do livro *O Ponto de Mutação*, a visão sistêmica de vida envolve "uma concepção de vida em termos de redes, um padrão não linear, um padrão de relacionamentos de conexões entre pontos, nós²⁶." É importante ressaltar que as percepções sistêmicas são muitas vezes tratadas como "novas", porém muitas culturas ancestrais já se guiavam há muitos milhares de anos por visões holísticas, como o próprio Capra relata em seu livro *O Tao da Física*, fazendo paralelos entre esse paradigma e pensamentos orientais tradicionais como o Budismo e o Hinduísmo. Aqui no Brasil, os povos indígenas também cultivam percepções holísticas há milhares de anos.

Em 1970, os biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana, criaram o termo *autopoiese* para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios, como parte das capacidades de sistemas vivos e complexos. A palavra vem do grego auto "próprio", poiesis "criação" e define cada ser vivo como um processo auto-produtor e auto-regulador das duas funções vitais a partir da relação entre seus componentes. Haraway complexifica o conceito, sugerindo a ideia de *simpoiese* como mais adequada para se referir aos sistemas vivos, por considerar que as trocas e interações entre viventes criam e recriam os seres a todo o tempo, são as *relações entre relações* que criam a vida, em colaboração.

Simpoiese significa "gerar-com", dismantelar as antigas visões de individualidade sabendo que os sistemas vivos humanos e não-humanos são um emaranhado de relações que só podem regenerar-se na medida em que essas relações são saudáveis. Entendemos que essas percepções sobre o mundo vivo e dinâmico do qual fazemos parte

²⁶ [Entrevista de Fritjof Capra](#) para o canal *This is not the truth*, 2018

têm um impacto profundo nos processos de aprendizagem em que estamos imersos desde a infância.

Modelos de aprendizagem sistêmicos como coração, mãos e cabeça²⁷ (*head, hand and heart*), o aprendiz de co-criador de mudanças, *buen vivir*²⁸, *design thinking*²⁹, desaprender³⁰, *degrowth*³¹, *doughnut economics*³², economias holísticas³³ são alguns exemplos desse tipo de abordagem. Também é importante observar que mudanças para culturas regenerativas demandam perceber e reconhecer o papel das linguagens artísticas³⁴ como fundamentais para reconectar as sensibilidades humanas com os sistemas vivos e com a consciência sobre nossa natureza colaborativa .

Estamos em um tempo entre narrativas, mudando de uma narrativa e visão de mundo focada na separação e escassez competitiva para uma narrativa e visão de mundo que reconhece nossa 'interexistência' com tudo o mais e nosso potencial para co-criar abundância colaborativa³⁵

Daniel Wahl

O fortalecimento dos sistemas de inter-relações das pessoas é outro aspecto chave. Acreditamos que a mudança para um desejável paradigma regenerativo passa necessariamente por uma outra visão de individualidade não mais moldada para o sucesso pessoal e competição, mas sim para a saúde sistêmica e para a colaboração. Esse fortalecimento das relações interpessoais tem o intuito de cultivar sensibilidades e capacidades fundamentais para o mundo atual como: percepção holística, lidar com incerteza, visão de complexidade, compreensão da visão sistêmica da vida e outras que o apoiem em sua atuação pelo bem viver individual e coletivo.

²⁷ [Jonathan Dawson on education - Head, Heart and Hands](#)

²⁸ [Para salvar a humanidade do desastre: "o bem viver"](#)

²⁹ [IDEO Design Thinking](#)

³⁰ [Ecoversities | reclaiming knowledges, relationships and imaginations](#)

³¹ [Degrowth.info](#)

³² [What on Earth is the Doughnut?](#)

³³ [MA Regenerative Economics](#)

³⁴ Shrivastava, Paul, et al. "Transforming sustainability science to generate positive social and environmental change globally." *One Earth* 2.4 (2020): 329-340.

³⁵ [Education and Regenerative Cultures \(Version 0.0\) | by Daniel Christian Wahl](#)

II) INCORPORAMOS OS PRINCÍPIOS DA CULTURA PARTICIPATIVA PARA DISSEMINAR NOSSO PROPÓSITO

Os participantes são autores e co-criadores do despertar da consciência socioambiental.

Uma cultura participativa está ligada a dois conceitos centrais: democracia e diversidade. Se permitirmos que todos os cidadãos tenham voz na sociedade, haverá uma mudança fundamental em sua governança. Por isso, garantir que todas essas vozes sejam ouvidas é o melhor mecanismo para lidar com a diversidade de uma sociedade global.

Henry Jenkins

Diferentes configurações de cultura permitem diferentes graus de participação daqueles que a integram. A cultura participativa foi assim denominada a partir do advento da internet, e tem como principal característica possibilitar que todos os seus usuários possam contribuir para o conhecimento que ali é gerado, visibilizando histórias, narrativas e percepções de mundo. O engajamento e o compartilhamento são bases fundamentais e a dinâmica acontece por meio da interação entre seus participantes. Por meio dessas experiências compartilhadas, outras formas de poder são possíveis, visto que qualquer participante pode potencialmente contribuir e manifestar-se.

Pelo advento da cultura participativa, formas de expressão que antes tinham um público limitado tornaram-se amplamente conhecidas, possibilitando que culturas e hábitos se manifestem de outras formas. Pela ótica do indivíduo, a internet permitiu que mais pessoas produzissem e compartilhassem conteúdos, provocando novas formas de expressão populares, onde os anônimos tornaram-se formadores de opinião. No coletivo, o ambiente digital fez com que muitas causas e pessoas amplificassem suas vozes, estimulando novos valores e crenças para a sociedade contemporânea.

A internet é um dos principais meios de relacionamento da sociedade contemporânea, especialmente para os jovens, foco da nossa abordagem inicial. Se os Millennials, jovens entre 24 e 30 anos, testemunharam a explosão da internet, a Geração

Z, jovens até 24 anos, não conhecem um mundo sem ela, pois nasceram em uma realidade de conexão digital contínua. Nesse contexto, é possível que um jovem que tenha pouca influência em casa, ou encontre-se em situação de desamparo social, torne-se uma liderança em um jogo online, por exemplo. Ou um aluno de desempenho considerado baixo pelos padrões tradicionais acadêmicos, exerça influência de comportamento em sua comunidade online ou em outros territórios de pertencimento. E poder experimentar um mundo virtual que valoriza a identidade individual e o sentido coletivo, e ainda permite resolver problemas, pode tornar o mundo real pouco interessante. Acrescente a isso a realidade dos muitos jovens brasileiros, a pouca renovação dos processos de aprendizagem e a falta de infra-estrutura básica da educação brasileira que os afastam de seus futuros possíveis.

Para os que observam de fora, há uma sensação de alienação e uma desconexão do jovem com seu viver no mundo real. Não são raros os casos de jovens com total desinteresse pelo processo de aprender tradicional, onde o aluno é figura passiva e receptora de conteúdos da jornada. Como motivá-lo, se o mundo paralelo digital parece muito mais interessante?

A reconexão do ser humano com a natureza e o despertar da consciência socioambiental precisam ser disseminados e popularizados por meio da cultura participativa da internet, com engajamento e interação dinâmica dos seus participantes, possibilitando que se tornem co-criadores do processo de aprendizagem. Por isso, trabalhamos com diferentes tecnologias facilitadoras como gamificação, plataformas interativas e mapeamentos coletivos, construindo jornadas híbridas, por integrarem metodologias presenciais e digitais em sintonia com o contexto dos “jovens transgressores”.

Além disso, nossas jornadas de aprendizagem não são temporárias, com começo, meio e fim definidos. Os *transgressores* podem participar da comunidade do Instituto LivMundi, formada por aqueles que desejam se manter ativos na disseminação de

hábitos, crenças e valores relacionados a essa consciência socioambiental. Nesse sentido, a internet é fundamental para facilitar a interação e difusão de nosso propósito.

III) VALORIZAMOS OS TERRITÓRIOS DE PERTENCIMENTO

Acreditamos que os territórios de pertencimento são catalisadores para mudanças individuais e coletivas.

O terceiro pilar de atuação do Instituto LivMundi são os territórios de pertencimento. Podemos entendê-los pelas dimensões subjetiva e objetiva. O território subjetivo engloba a teia relacional que envolve o indivíduo, suas redes, afetos, cultura, espírito e outros aspectos humanos e simbólicos que influenciam seu comportamento individual e em grupo, como mencionado anteriormente. Passa por afinidades e gostos que podem relacionar pessoas de lugares distantes ao redor do mundo, permitindo uma rica troca de experiências e um poderoso “senso de pertencer”. A dimensão objetiva do território associa-se à conexão geográfica e local como objeto de possibilidades de atuação e transformação. Diversos movimentos internacionais e nacionais de transição ecológica como *Local Futures*³⁶, *Cidades em Transição*³⁷, *EcoBairro*³⁸, *WeAll*³⁹ tem o espaço geográfico como centro de ação. Segundo a ativista Helena Norberg-Hodge, criadora do movimento *Local Futures*, a globalização é um dos pontos de mudança chave quando falamos em mudanças sistêmicas regenerativas:

A globalização, que tenta juntar todas as economias locais, regionais e nacionais em um único sistema mundial, exige a homogeneização de formas localmente adaptadas de vida. Descobri que a comunidade e um relacionamento próximo com a terra podem enriquecer a vida humana, além de qualquer comparação com riqueza material ou sofisticação tecnológica. Um outro caminho é possível.⁴⁰

Helena Norberg-Hodge

³⁶ [Local Futures](#)

³⁷ [Transition Network](#)

³⁸ [EcoBairro](#)

³⁹ [Weall](#)

⁴⁰ [O Futuro é Local - EcoUni](#)

Em um país tão desigual e racista como o Brasil, que atualmente soma mais de 125 milhões de pessoas em insegurança alimentar⁴¹ e 14 milhões de desempregados⁴² debater o assunto *sustentabilidade* sem pensar nesses territórios de pertencimento é, no mínimo, não adequado. Para uma visão socioambiental interseccional e que pautar outros modelos econômicos, acreditamos que fortalecer a conexão do indivíduo com seu território de pertencimento é fundamental, pois é a partir dessa relação que as possibilidades e vontades para mudanças podem emergir.

As jornadas de aprendizagem que oferecemos no Instituto são pontos de partida a serem adaptados aos contextos onde atuamos, já que cada território de pertencimento tem suas especificidades, códigos, símbolos, dinâmicas relacionais e necessidades, que precisam fazer parte dessa co-criação para gerar real impacto socioambiental. No caso da dimensão geográfica deste território, fortalecemos as ações e experiências locais, criando pontes com atores sociais que fazem parte do ecossistema de influência. Além disso, o território subjetivo de pertencimento deve ser complementar ao território objetivo local, alimentando o pensar e agir global. A visão holística do mundo como uma grande experiência coletiva permite que a atitude transgressora aponte novos caminhos, respeitando as peculiaridades de cada cultura e história locais.

IV) ATUAMOS EM REDE

Ativamos a nossa rede de parceiros e acessamos os recursos necessários para agir de forma legítima em nosso propósito.

Estamos cercados por sistemas extremamente complicados. Considere, por exemplo, a sociedade que requer a cooperação entre bilhões de indivíduos, ou infraestruturas de comunicação que integram bilhões de telefones celulares com computadores e satélites ... Nossa existência biológica está enraizada em interações contínuas entre milhares de genes e metabólitos dentro de nossas células...As redes permeiam ciência, tecnologia, negócios e natureza em

⁴¹ [Mais de 125 milhões de brasileiros vivem insegurança alimentar na pandemia, aponta estudo](#)

⁴² [Desemprego no Brasil fica 14,6% e atinge 14 milhões de pessoas, diz IBGE](#)

um grau muito mais alto do que pode ser evidente em uma inspeção casual...nunca entenderemos sistemas complexos sem desenvolvermos uma compreensão profunda das redes por trás deles.

Albert-László Barabási⁴³

Entendendo que vivemos em ambientes complexos e diversos, precisamos desenvolver estratégias para lidar com as incertezas que caracterizam a vida. Na verdade, a incerteza pode ser um ativo que nos conecta às especificidades de cada território de pertencimento, seja ele social, cultural, geográfico ou espiritual. Por isso é a partir do entendimento de suas demandas, e contando com a curadoria cuidadosa que caracteriza as iniciativas do LivMundi, é que ativamos a rede de parceiros e recursos mais adequados, ou mesmo buscamos conexões mais apropriadas aos desafios apresentados. O território de pertencimento é um espaço de trocas, interações e bem viver coletivo e, assim como o indivíduo, também possui a sua “melhor versão”, co-criada por aqueles que dele fazem parte.

A atuação em rede é o quarto pilar de atuação do Instituto LivMundi porque nossa proposta só prospera e escala se desenvolvermos a capacidade de ler, compreender, conectar e atuar em diversos territórios, com suas complexidades, diversidades e saberes. Essa rede será sempre ativada e nutrida de forma orgânica e dinâmica para que esta criação de valor seja mútua, já que é a partir de relações de confiança que se dá a colaboração. A intenção de sermos verdadeiramente diversos e inclusivos só é viável se acessarmos outras visões de mundo, formando ecossistemas vivos e com valor compartilhado.

V) DISSEMINAMOS NOSSA CAUSA VIA TECNOLOGIAS

Abraçamos tecnologias, pois são fundamentais para promover a disseminação de crenças e valores socioambientais.

⁴³ <http://networksciencebook.com/chapter/1#networks>

A tecnologia é uma das grandes expressões da criatividade humana, é expressão natural do processo criador dos seres humanos. A tecnologia não é obra de demônios, mas da humanidade: as tecnologias fazem parte do desenvolvimento natural de todo e qualquer ser humano.⁴⁴

Paulo Freire

O quinto pilar de atuação do Instituto LivMundi é o de tecnologias, considerado transversal aos demais pilares. Tecnologias habilitam a atuação em rede por permitir conexão e interação entre seus atores. Da mesma forma, é central à cultura participativa, caracterizada pelo uso intensivo da internet que permite a colaboração e o relacionamento, sobretudo entre jovens, com alto grau de literacia digital e um público fundamental para o LivMundi. Territórios de pertencimento subjetivos e objetivos podem ser acessados via tecnologia, potencializando suas experiências e conexões. Por fim, para abraçar uma abordagem sistêmica, o uso de tecnologias não é fundamental, uma vez que uma visão holística e integrada se baseia na percepção humana, porém a utilização de tecnologias facilita a navegação por ambientes complexos, suas interconexões e interdependências.

As jornadas de aprendizagem e demais iniciativas do Instituto incorporam tecnologias em momentos de suas operações e podem ser centrais em formatos híbridos, onde plataformas digitais são ferramentas essenciais para a execução das dinâmicas. Vale lembrar que *comunicação* é uma competência central para o Instituto que usa tecnologias de forma intensiva tanto por ações em mídias sociais, fundamentais para disseminar nossas iniciativas, quanto como considerada parte de um resultado de uma jornada, como um produto audiovisual que pode expressar uma narrativa que impacta diretamente as transformações nos territórios.

⁴⁴ FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Tradução: Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968

Outro aspecto a considerar é a visão de tecnologias sociais, muito utilizadas pelo terceiro setor que atuam em territórios vulneráveis, como o Instituto LivMundi. De forma ampla, podemos entender tecnologias sociais como experiências cuja intenção é desenvolver a sociedade, atuando sobre um problema social a partir das pessoas por ele afetadas. Para isso, um objetivo importante é que a tecnologia social rompa barreiras de saberes e hierarquias entre os participantes que são foco de seus usos. Geralmente apresentam um custo acessível, permitindo também que seja replicável. O Instituto LivMundi busca construir tecnologias sociais através de suas iniciativas com uma visão de formar uma rede de multiplicadores que irradie suas crenças e valores socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este documento foi desenvolvido pela equipe do Instituto LivMundi a partir de diversos encontros, leituras e pesquisas. Tem como objetivo apresentar nossa forma de existir no mundo, nossa visão, crenças e valores, guiando nossa contribuição para um mundo mais justo, fraterno e regenerativo.

Em resumo, nosso propósito é *multiplicar os transgressores, aqueles que questionam o status-quo propondo relações justas e prósperas entre todas as formas de vida*, para que possam assim impulsionar transformações em seus territórios de pertencimento. Por isso o Instituto LivMundi se propõe a "formar" transgressores a partir de processos de aprendizagem não formais que utilizam abordagens sistêmicas e participativas. Integramos metodologias de forma híbrida, articulando ferramentas presenciais e digitais, sempre em função do que mais impacta, conecta e se adequa às características e desafios do território de pertencimento onde acontecerá a jornada. Atuamos em rede para potencializar nossas iniciativas e construir espaços de diálogo verdadeiros e inspiradores para dar conta dos desafios socioambientais que vivemos. Acreditamos que, assim, despertaremos a melhor versão de cada pessoa para começar a transformar mundos.

A jornada do Instituto LivMundi está começando! A partir desta proposta queremos conquistar apoiadores e doadores que se encantem com nosso propósito para viabilizar e escalar nossas iniciativas, além de nossa própria sustentabilidade financeira como Organização da Sociedade Civil.

Nosso time constrói com entusiasmo esta jornada desde o início e, nesta nova fase, busca complementar suas experiências e competências para expandir sua atuação com responsabilidade e ousadia. Somos nós mesmos transgressores despertando transgressores, colaborando para a criação de um mundo melhor.

BIBLIOGRAFIA

IPCC, 2018: Global Warming of 1.5°C. An IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C above pre-industrial levels and related global greenhouse gas emission pathways, in the context of strengthening the global response to the threat of climate change, sustainable development, and efforts to eradicate poverty [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, H.-O. Pörtner, D. Roberts, J. Skea, P.R. Shukla, A. Pirani, W. Moufouma-Okia, C. Péan, R. Pidcock, S. Connors, J.B.R. Matthews, Y. Chen, X. Zhou, M.I. Gomis, E. Lonnoy, T. Maycock, M. Tignor, and T. Waterfield]

IPCC, 2021: Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J. B. R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press

COUTINHO, Luciane. Brazilian Socio-Environmental Movements, Youths and Their Perspective, 2021

CRUTZEN, Paul J; STOERMER, Eugene F. O antropoceno. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, sem número, 06 nov. 2015

DANOWISKI, Débora e CASTRO, Eduardo Viveiros de, Há Mundo por vir? Ensaio sobre medos e fins, Ed. Cultura e Bárbarie, 2017

FESER, Claudio. Leading in the digital age, The McKinsey Quarterly, 2016

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

GUDYNAS, E. Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. América Latina en movimiento, 462, 1-20, 2011

HARAWAY, Donna. Staying with the Trouble: making Kin in the Chthulucene, Duke University Press, 2016

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano, Ed. Cobogó, 2019

KRENAK, Ailton, Ideias para adiar o fim do mundo, Ed. Companhia das Letras, 2019

JENKINS, H., & Ito, M. Participatory culture in a networked era: A conversation on youth, learning, commerce, and politics. John Wiley & Sons, 2015

LOVELOCK, J. . Gaia: a new look at life on Earth. Oxford University Press, New York, New York, USA, 1979

SCARANO, Fábio. R. Regenerantes de Gaia, 2019

SILVA, R. S. D., & Silva, V. R. D. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. Caderno CRH, 24(63), 663-678, 2019

STEIN, S., Andreotti, V., Suša, R., Amsler, S., Hunt, D., Ahenakew, C., Jimmy, E., Cardoso, C., Pitaguary, B., Pitaguary, R. & Siwek, D. Gesturing Towards Decolonial Futures. Nordic Journal of Comparative and International Education (NJCIE), Disponível em <https://journals.hioa.no/index.php/nordiccie/article/view/3518>, 2020

STEIN, S., Andreotti, V., Suša, R., Ahenakew, C. & Čajková, T. (forthcoming). From “education for sustainable development” to “education for the end of the world as we know it”. Educational Philosophy and Theory

STEIN, Zachary, Education in a Time Between Worlds, Bright Alliance, 2019

VAZ, DANILO, Sistemas vivos e complexidade, 2018

WAHL, Daniel, Design de culturas regenerativas, Bambual, 2019

LINKS:

<https://diplomatie.org.br/o-paradoxo-da-justica-climatica-no-brasil-o-que-e-e-para-quem/>

<https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/entendendo-o-racismo-ambiental/>

<https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/desigualdade-injustica-ambiental-e-racismo-uma-luta-que-transcende-a-cor/>